

## A FESTA HOJE<sup>1</sup>

*Adriano Duarte Rodrigues*

A festa ocupa um lugar importante na vida colectiva. A decisão de lhe dedicar este ano os Encontros Interdisciplinares partiu da tomada de consciência do lugar que a festa ocupa, tanto em função da sua natureza originária como em função da sua lógica, que assegura os processos fundadores da sociabilidade. Como se verá, ao longo desta semana, pelas comunicações que serão apresentadas, a festa é uma experiência que suscita abordagens interdisciplinares e, neste sentido, coloca questões fundamentais que merecem a atenção dos cientistas oriundos dos mais diversos horizontes disciplinares.

Nesta minha intervenção, procurarei mostrar, antes de mais, que a festa é indissociável da experiência tradicional por desempenhar um papel fundamental na constituição da sociabilidade, no estabelecimento das alianças e dos vínculos sociais e, nessa medida, na produção do mundo vivido, dos quadros do sentido da experiência. Tentarei ver, em seguida, em que medida estas características fundamentais da festa permanecem nas suas manifestações actuais.

\*

Temos hoje a impressão de que as festas já não são o que eram, que deixaram de nos envolver com a sua alegria contagiante e consideramos esta impressão como o efeito do processo de desencantamento que se apoderou da experiência moderna. No entanto, nunca como hoje recebemos tantas solicitações festivas. Recordemos as grandes festas que ocorreram este ano

---

<sup>1</sup> Comunicação apresentada aos Encontros Interdisciplinares do Conselho Científico da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, em 15 de Novembro de 2004.

em Portugal, o campeonato europeu de futebol, o Euro 2004, os concertos com as vedetas da canção pop, como o Rock in Rio, ou os Jogos Olímpicos de Atenas. Estes eventos foram grandes manifestações festivas que mobilizaram milhares de pessoas do mundo inteiro. Mas não são apenas estes eventos ocasionais esporádicos que promovem celebrações festivas. A lógica da festa tende hoje a revestir em permanência com o seu brilho muitos dos domínios da experiência que, no passado, só ocasionalmente podiam revestir-se desse colorido. O espaço do mercado, convertido em centro comercial, tornou-se assim hoje um espaço festivo permanente, onde as funções propriamente mercantis se associam às funções lúdicas e de lazer. Por seu lado, graças ao seu ritmo de funcionamento, os media desempenham também um papel de penetração no quotidiano da lógica festiva da celebração.

Numa época em que se tornou uma moda falar da morte de tudo, não podemos propriamente dizer que assistimos hoje à morte da festa. Proponho, por isso, identificar as marcas da festa que permanecem ainda hoje inalteradas, apesar das transformações por que tem passado, tanto a sua lógica, como a maneira de a encarar e de a viver.

\*\*

A festa está originariamente associada à celebração da memória presente de acontecimentos, de lugares ou de personagens do passado. Diz o dicionário que “celebrar” é, no sentido latino originário, “visitar em grande número ou frequentes vezes um lugar ou uma pessoa”. Encontramos nesta definição quatro aspectos. Tentemos explicitá-los.

A definição de “celebrar” refere, antes de mais, a visita a lugares ou a pessoas. Este tópico sugere que existe na celebração uma lógica circular. Se, por um lado, é porque possui celebridade que se visita um lugar ou uma pessoa, por outro lado, é da visita frequente ou do grande número de visitantes que um lugar ou uma pessoa adquire e alimenta a sua celebridade. Compreender esta relação circular, e por isso paradoxal, da lógica que estabelece a relação entre celebração e celebridade é fundamental para entender a natureza instituinte ou originária da festa, o papel fundador de toda a celebração.

“Celebrar” é, em segundo lugar, visitar em grande número um lugar ou uma pessoa. Este tópico indica que se trata de um acontecimento eminentemente colectivo. Para que um grande número de pessoas visite um lugar ou uma pessoa é evidentemente preciso que os que participam nessa visita identifiquem ou reconheçam essa pessoa ou esse lugar como digno de ser visitado. A identificação e o reconhecimento colectivos são precisamente as marcas simbólicas da sociabilidade, em nome das quais se estabelecem ou se

rompem as alianças. Podemos, por isso, considerar a festa como momento destinado a assegurar o desenrolar dos processos de constituição da sociabilidade.

“Celebrar” implica ainda, de acordo com o sentido etimológico do termo, uma deslocação. É uma visita que se faz e, por conseguinte, uma saída do espaço habitual em que decorre aquilo que consideramos como a experiência da vida quotidiana. Não é evidentemente necessário que se proceda a uma deslocação física para que a festa aconteça, mas exige-se que de algum modo se rompa com o curso habitual da vida. De entre a grande diversidade das marcas que esta ruptura pode apresentar, o vestuário festivo, o adorno do espaço com enfeites alusivos ao acontecimento celebrado, as refeições festivas, as músicas de festa, as danças são algumas das maneiras de romper com o curso habitual e quotidiano da experiência.

Neste sentido, na festa entra-se. A recusa de entrar na festa ou a adopção de uma atitude de observador equivale a uma exclusão, a uma ruptura da sociabilidade e é, por conseguinte, lida como um comportamento dessacralizante ou, como diz sugestivamente o povo, de “desmancha prazeres”. É que a entrada na festa absorve e envolve a totalidade das dimensões da experiência e está, por conseguinte, aquém e além das distinções entre o individual e o colectivo, o racional e o irracional. É por isso que a festa se presta a toda a espécie de excessos e de violências, tanto dos corpos como dos discursos.

O quarto aspecto que a etimologia de “celebrar” refere é a sua natureza iterativa. Uma celebração é uma manifestação que se repete e é, por conseguinte, não só preparada e esperada, mas também recordada. Daí a relação indissociável da festa com a temporalidade, enquanto experiência do enigma da identidade e da diferença, da permanência do mesmo, através da vivência da mudança. Graças à festa, o passado, embora irrepitível e, neste sentido, para sempre perdido, retorna de algum modo ao presente, por ocasião da celebração festiva da memória, entendida como reminiscência despoletada pela identificação e pelo reconhecimento colectivo das suas marcas. Deste ponto de vista, a festa é, ao mesmo tempo, celebração do enigma da existência e processo destinado a torná-lo suportável ou pelo menos aceitável, graças a um processo que podemos considerar como a sua esconjuração simbólica. Esta função é particularmente visível nas festas carnavalescas e nas festas revolucionárias, em que se joga a inverter a ordem habitual das coisas, revertendo as marcas da normalidade ou rompendo com curso habitual da tradição. Mas se o carnaval e a revolução podem ser encaradas como as manifestações por excelência da figura da inversão, todas as outras festas comportam, de maneira mais ou menos explícita, esta figura, pelo menos na

invenção das marcas de ruptura para com a experiência do quotidiano que as caracteriza.

A lógica da inversão só pode, no entanto, ser entendida se a relacionarmos com a lógica da consumação sacrificial, que se manifesta nomeadamente nos gastos sumptuários, na passagem ao limite dos processos, tanto de fruição dos corpos, das coisas e da linguagem, como de transgressão e de violência, nos quais os participantes da festa são supostos entrar. Podemos facilmente reconhecer nestes comportamentos excessivos a lógica do potlatch que Marcel Mauss identificou como fenómeno social total, no seu belo ensaio sobre a dádiva.<sup>2</sup> Não são apenas os excessos alimentares ou de bebida que se manifestam nas refeições festivas, dificilmente tolerados em tempo normal, que adquirem sentido quando encarados a esta luz. São também os excessos discursivos trocados num espaço de interlocução particularmente disponível e acelerado, que devem ser entendidos como marcas desta lógica sacrificial e ostentatória.

Estes aspectos, revelados pela etimologia do verbo “celebrar”, são fundamentais para a compreensão da festa como actividade que tem como objectivo realizar a celebração. Em síntese, podemos dizer que, a julgar pelos aspectos referidos pela etimologia deste termo, a festa está associada, ao mesmo tempo, à experiência fundadora da sociabilidade e à manifestação paradoxal da temporalidade.

\*\*\*

Os aspectos que acabamos de referir só adquirem sentido se tivermos em conta que a festa estabelece uma relação indissociável com a tradição, com a modalidade da experiência que se alimenta da transmissão das marcas notáveis do passado, identificadas e reconhecidas por todos os participantes, e que adquirem, por essa razão, o direito a ser celebradas. É por isso que a festa, tanto alimenta a tradição como é alimentada pela tradição, pela transmissão da memória comum das mesmas origens fundadoras e, nesta medida, constitui a sociabilidade, os laços de aliança entre todos quantos identificam e reconhecem as mesmas marcas notáveis, dignas de ser celebradas.

É devido a esta relação fundadora, que estabelece com a sociabilidade, e a esta relação com a tradição, que estabelece com a experiência do tempo, que a festa constitui o senso comum, o conjunto de pressupostos implícitos que conferem sentido aos discursos que são trocados no espaço de interacção e às acções que os actores sociais realizam com vista à prossecução de objectivos comuns.

---

<sup>2</sup> Cfr. Marcel Mauss, *Ensaio sobre a Dádiva*, Lisboa, edições 70, 1988.

Podemos por isso dizer que a partilha das mesmas festas corresponde a uma visão naturalizada e, por isso, indiscutível das mesmas instituições, expressas pelo senso comum que delimita os quadros do sentido do mundo vivido. A festa contribui assim de maneira eminente para a produção, para o fortalecimento e para o restabelecimento das condições que tornam possível a intercompreensão. Estas condições delimitam o horizonte dentro dos quais os falantes e os actores situam as categorias ontológicas, éticas e estéticas que formam as dimensões da experiência possível e, deste modo, dão sentido aos discursos que trocam no espaço de interlocução e tornam razoáveis as acções que empreendem.

Não é, por conseguinte, possível imaginar uma comunidade de homens e de mulheres que falam entre si e que agem uns com os outros para a prossecução de objectivos comuns que não possua as mesmas festas, que não celebre os mesmos acontecimentos, as mesmas personagens e os mesmos lugares, que não reconheça as mesmas marcas notáveis que constituem a identidade do seu mundo próprio naturalizado.

A festa ocorre a intervalos regulares, manifestando por isso a natureza cíclica dos processos que constituem a sociabilidade. Forma o eixo em torno do qual roda a experiência do mundo intersubjectivo que, deste modo, é marcada, ora como tempo de espera e preparação, ora como tempo de prolongamento. Qual cabeça de Janus, a festa olha, ao mesmo tempo, para o passado e para o futuro e é, por isso, ao mesmo tempo, de natureza retroactiva e proactiva.

Não devemos, no entanto, entender de maneira estática o contributo da festa para a delimitação dos quadros do sentido. Mais do que um papel de constituição das fronteiras que delimitam o sentido dos discursos e das acções, a festa tem como função deslocar essas fronteiras, através de um processo de constante reenquadramento do novo, de um processo dinâmico de actualização, de reapropriação e de aplicação ao novo das marcas deixadas pelo passado no território comum e na memória partilhada. É por isso que, em vez de fronteira e de quadro, prefiro utilizar o conceito metafórico de horizonte do sentido, sugerido por Gadamer que, por sua vez o retomou de Nietzsche e de Husserl. A festa, mais do que celebração do passado, actualiza, reapropria e aplica ao presente e projecta no futuro as suas marcas. Intervém, por conseguinte, não tanto como constituição de uma fronteira rígida ou de um sentido imutável dos discursos e das acções mutuamente partilhados, mas como processo de constante reelaboração e deslocamento do horizonte do sentido, que tem as propriedades de se abrir constantemente, de se ir deslocando à medida que avançamos na sua direcção: «Um horizonte

não é uma fronteira rígida, mas algo que se desloca e que convida a seguir entrando nele.»<sup>3</sup>

\*\*\*\*

Da relação dinâmica que a festa estabelece com a modalidade tradicional da experiência se conclui que as festas são processos eminentemente sagrados, porque a sua lógica fundadora é totalizante e, por isso, incompatível com distinção e com a autonomização dos diferentes domínios e das diferentes dimensões da experiência. A distinção entre as festas religiosas, que celebram acontecimentos ou lugares associados a marcas da identidade religiosa, e as festas civis, que celebram acontecimentos ou lugares reconhecidos pelo seu papel fundador da identidade política é, deste ponto de vista, um paralogismo, por aplicar categorias lógicas próprias da experiência moderna a um fenómeno profundamente enraizado na experiência tradicional. O facto de a distinção entre festas religiosas e festas civis decorrer da autonomização moderna dos domínios e das dimensões da experiência leva inevitavelmente a uma concepção errada ou, pelo menos, confusa da natureza da festa. A festa é, por natureza, sempre manifestação sagrada, uma vez que celebra a memória das marcas notáveis deixadas no presente pela tradição, situada numa esfera transcendente, inacessível à experiência da temporalidade humanamente possível, independentemente da instituição religiosa ou civil que a promove e actualiza. Neste sentido, podemos considerar que não são apenas as festas religiosas que possuem uma dimensão sagrada da experiência; também as festas civis, pelo facto de celebrarem acontecimentos notáveis, possuem uma dimensão sagrada indiscutível. A questão que se coloca é então a de saber quais as marcas do sagrado que as festas continuam a celebrar e que lhes conferem a natureza festiva, mesmo quando pretendem festejar acontecimentos civis.

\*\*\*\*\*

Os aspectos que acabamos de referir tiveram o objectivo de mostrar que a festa é indissociável da modalidade tradicional da experiência, uma vez que se trata de uma manifestação destinada a manter viva a transmissão da memória de uma experiência transcendente, através da sua actualização, da inscrição no presente de um passado notável. Não admira, por isso, que estabeleça com a modalidade moderna da experiência uma relação problemática e paradoxal.

---

<sup>3</sup> Hans-Georg Gadamer, *Verdad y Método*, Barcelona, ed. Sígueme, 1988, página 309. Ver igualmente as páginas 372 e ss., 447, 452 e ss., 474.

O fundamento da modernidade não é a continuidade do passado memorável, mas a ruptura para com as suas marcas, em nome da autonomia da fruição do presente. É certo que também não é propriamente o passado memorável, mas a sua memória presente que na festa se celebra e, neste sentido, a celebração é sempre uma reactualização, uma apropriação e uma aplicação sempre renovada do sentido que na festa se institui e se desloca. É só na medida em que a festa é uma reactualização que o acontecimento passado, o lugar ou a pessoa celebrada adquirem uma natureza memorável. Neste sentido, a festa é processo de remitificação ou de reencantamento, ao passo que a experiência moderna pretende ser desmitificadora e desencantada.

Mas para entendermos a natureza problemática e paradoxal que a festa adquire no quadro da modalidade moderna da experiência é indispensável ter ainda em conta que a festa é sempre uma celebração colectiva de natureza interactiva que a experiência moderna torna problemática, graças à pretensão de promover a autonomia individual e de romper com os quadros de sentido herdados da tradição que passam a ser encarados como determinismos que impedem ou, pelo menos, entravam a procura do novo.

Pelo facto de proporcionarem modalidades de interacção entre pessoas que não se conhecem, não têm a mesma história comum, não identificam nem reconhecem as mesmas marcas notáveis dignas de celebração e não partilham o mesmo território comum, as festas actuais parecem escapar à lógica totalizante e sacrificial que, como vimos, caracteriza a experiência festiva. Ao contrário do que acontece com as festas das comunidades que fazem da tradição o fundamento da experiência, as festas actuais não são a celebração de marcas notáveis que compreendem a totalidade dos domínios nem a totalidade das dimensões da experiência. Milhares de pessoas podem celebrar o seu clube desportivo no estádio, durante um jogo ou um campeonato, podem vibrar em unísono com a performance do seu cantor preferido, podem aplaudir o seu líder político, sem no entanto saberem quem são os outros participantes nessa celebração, de onde vêm, quais as suas profissões, qual o estado civil ou a história de vida daqueles que partilham a mesma experiência festiva. Podemos assim considerar que as festas actuais estão associadas à emergência de um novo tipo de sociabilidade

Este novo tipo de sociabilidade tem a característica notável de ser tanto mais intenso quanto mais efémero e ocasional for o acontecimento festivo em que estão envolvidos, tanto mais intenso quanto menos comum é a experiência dos seus participantes. A ausência de passado e de futuro comuns faz com que os comportamentos e os discursos dos participantes se libertem das coacções da tradição e tenham, por conseguinte, efeitos limitados ao tempo e

ao espaço do acontecimento festivo que os envolve. Os participantes acorrem hoje à festa por decisão própria e dispersam cada um para seu lado depois do fim da festa, sem esperarem tornar a reencontrar-se. De certo modo, trata-se de uma forma de interacção pura, sem passado nem futuro que a coaja e condicione. Os excessos eventuais cometidos no decurso das manifestações festivas actuais não são supostos ter consequências para o futuro, tal como da história de vida de cada um não resultam aparentemente condicionantes para a interacção presente com os outros.

Aquilo que as festas actuais celebram não é a memória de marcas associadas colectivamente à totalidade dos domínios e das dimensões da experiência, mas marcas simbólicas de um domínio institucionalizado num campo social, num campo de forças que se impõe pela delimitação de um domínio específico da experiência através da tensão com os restantes domínios da experiência. Pode tratar-se do campo desportivo, do campo político, do campo económico, do campo estético, do campo religioso. No limite, qualquer domínio da experiência pode promover as suas celebrações festivas, conseguindo impor a sua própria ordem de valores e afirmá-la, ora associando-se com os outros campos sociais, ora lutando contra eles, com vista a assegurar a sua autonomia e a sua força mobilizadora.

Um campo social impõe-se hoje com tanto mais força quanto mais consegue impor imagens de marca, que funcionam como materialidades simbólicas identitárias, quanto mais consegue fazer reconhecer a competência exclusiva de um corpo autorizado de agentes, quanto mais consegue mobilizar em torno dos seus valores próprios o conjunto dos outros campos sociais. Neste contexto, as festas já não abarcam a totalidade da experiência, mas tendem a assumir o papel de aceleração dos processos de funcionamento de um determinado campo social, do qual depende a imposição dos seus valores e, por conseguinte, a sua força mobilizadora. Qualquer domínio da experiência pode assim hoje mobilizar o conjunto dos outros domínios da experiência para a sua causa, desde que os consiga mobilizar em torno dos seus valores próprios e das suas marcas distintivas.

A circularidade da lógica da festa converte-se assim no facto de ser, ao mesmo tempo, o processo e o resultado desta mobilização: promove-se a festa, tanto para mobilizar o conjunto dos outros domínios da experiência, como porque se conseguiu atingir um grau significativo de mobilização em torno dos seus valores.

Mas a celebração que a festa hoje promove tende a ser subordinada, da parte dos participantes, a objectivos que já não têm directamente a ver com a constituição da sociabilidade e esconjuração simbólica dos dilemas da expe-

riência da temporalidade, mas com novos objectivos, dos quais sobressaem, nomeadamente, o divertimento, o consumo e a fruição individual do presente. Trata-se de uma nova modalidade de vivência festiva, autónoma das dimensões retroactiva e proactiva da experiência da temporalidade que, como vimos, têm na festa tradicional o seu alimento e a sua expressão privilegiada. As festas tornam-se assim hoje espectáculo aparentemente associado a momentos de fruição sem espessura nem amarra temporal e os participantes convertem-se em espectadores, em alvos de um processo de mobilização.

Por seu lado, as festas tradicionais tendem a perder a sua aura, a partir do momento em que a vivência festiva parece converter-se em espectáculo voltado para a prossecução de uma fruição imediata, aleatória e efémera. Mais do que manifestações anacrónicas de uma experiência perdida, convertem-se em formas disponíveis para um novo tipo de fruição, a da revisitação, entendida como processo museiforme e asséptico de natureza folclórica, preservado como testemunho espectacular de uma experiência perdida.

Para atingir esta fase museificante e folclórica, as festas tradicionais devem ter passado por um processo mais ou menos longo de amnésia que se tenha encarregado de proceder à sua ritualização, processo que consiste na limpeza de todas as escórias do tempo e de todas as marcas simbólicas particularizantes que as ancoram à experiência totalizante, sacrificial e excessiva da tradição. É deste processo de amnésia que depende o seu retorno hoje, pela mão dos novos campos sociais, nomeadamente o político, o turístico, o religioso e o mediático. Os cantares e as danças folclóricas nas casas de fado, o empenho das autarquias na fundação de ranchos folclóricos, a presença de cantadores tradicionais na rádio e na televisão são apenas alguns dos inúmeros exemplos caricaturais deste processo.

Liberta das coacções da tradição, a festa torna-se disponível para realizar aparentemente o seu ideal de festa perene, sem os riscos da destruição sacrificial que lhe estão tradicionalmente associados. Podemos dar conta desta conversão no espaço do centro comercial e no funcionamento dos media.

O centro comercial, embora retomando as marcas esquecidas do mercado e da feira, torna-se um espaço de festa perene, projectado pelo marketing, aberto em permanência à deambulação de espectadores anónimos, visando a fruição asséptica dos objectos e dos corpos.

Por seu lado, os media deslocam em permanência o enraizamento particular dos acontecimentos e das marcas simbólicas das comunidades particulares. Deste modo, alimentam-se das culturas locais, para promoverem a universalização das suas formas, uma vez despidas das suas marcas particulares.

\*\*\*\*\*

O diagnóstico das novas vivências festivas que, nas suas grandes linhas, parece ser hoje consensual poderia levar-nos a concluir que a festa está morta ou, pelo menos, moribunda. Esta conclusão decorre, no entanto, de uma leitura unilateral deste diagnóstico, por ignorar um dos aspectos que tive ocasião de sublinhar, quando referi que a festa é processo de deslocamento do horizonte de sentido, enquanto apropriação e actualização. Apesar da natureza espectacular das festas actuais, os que nelas tomam parte não podem deixar de jogar com esta capacidade de deslocamento que as manifestações festivas continuam a possuir. Nas novas vivências festivas, apesar de convertidos em espectadores de formas desenraizadas da sua vivência, os participantes não podem deixar de reconstituir constantemente as marcas simbólicas que estão na origem da sociabilidade e de que se alimentam os laços sociais. Deste permanente jogo com o instituído continua a depender a invenção das novas formas de sociabilidade e a sua permanente reconstituição.

O diagnóstico das mudanças e da sua lógica não é suficiente para dar conta do mundo vivido. Tem de ser completado com a descoberta da sua natureza e dos seus processos. É a este trabalho de identificação da capacidade de deslocamento dos horizontes do sentido que estou cada vez mais empenhado. O trabalho de investigação que pretendo realizar incide, quer sobre os processos de interacção que ocorrem no quadro das instituições, quer sobre os processos de interacção que ocorrem em situações aparentemente espontâneas. Parto assim da hipótese de que permanece inteira a capacidade dos homens e das mulheres do nosso tempo para constituírem, alimentarem e restabelecerem a sociabilidade, deslocando continuamente as fronteiras do sentido e da experiência que tem na festa o seu enraizamento colectivo privilegiado.

#### Obras citadas:

- Gadamer, H.-G. (1988) – *Verdad y Método*, Salamanca, ed. Sígueme. (original: *Wahrheit und Methode*, Tübingen, 1975.)
- Mauss, Marcel (1988) – *Ensaio sobre a Dádiva*, Lisboa, Edições 70. (original: *Essai sur le Don. Forme et Raison de l’Echange dans les Sociétés Archaiques*, in *Année Sociologique*, seconde série, 1923-1924, tomo I.)